

A greve dos guarda-chuvas: Belo

Horizonte, 28 de abril de 2017

Fabiana Florio Domingues
Alexsandra Nascimento da Silva

INTRODUÇÃO

É de senso comum que “uma imagem vale mais que mil palavras”. Alinhada a essa ideia, destacamos a importância do uso de imagens, não apenas como registro, como também na forma de denúncia ou de protesto em uma investigação social. Enquanto técnica, a fotografia amplia a possibilidade na coleta de informações, valendo-se do sentido humano da visão, para apreender a realidade que se busca revelar. Apresenta-se ainda como um registro da realidade, tornando visível aquilo que muitas vezes passa despercebido, entretanto, as fotografias da forma como são mostradas e organizadas, buscam contar uma história sob a perspectiva de seus narradores (Possamai, 2007; Banks, 2009).



Este registro fotográfico tem como objetivo expor práticas de resistência no âmbito da cidade. No entanto, há uma pergunta anterior a esse objetivo: o que é cidade? Uma das possibilidades de resposta a essa questão é compreender a cidade enquanto espaço físico e social, no qual se dão práticas, sociabilidades e expressões de seus habitantes (Ipiranga, 2010; Saraiva & Carrieri, 2012).

A história que pretendemos contar aqui é parte de outra muito maior, ainda em andamento e que certamente não terá final feliz para aqueles que insistem em se colocar apenas como telespectadores. Sabemos que o triste fim, que o horizonte aos poucos tem revelado, possivelmente não será satisfatório nem mesmo para os que ousam resistir, mas a estes ao menos restará um consolo: a consciência em paz de quem não se calou.

Mas afinal o que é resistir? Na tentativa de responder essa pergunta tomamos as palavras de Tatiana Roque (2003, p.23) “No sentido corriqueiro, resistir é sempre contra ou resistir a. Ou seja, é se opor ou suportar: é, em suma, lutar, coexistindo ou sucedendo certo exercício de poder. [...] A resistência tornar-se-á, deste modo, constitutiva de um devir revolucionário”.

Para Britto e Jaques (2009), a prática de resistência pode se dar em diferentes níveis, formas e dimensões, seja explícita no corpo, na arte, ou na cidade vivida,

no cotidiano. Nesse sentido, Viegas e Saraiva (2015, p.76) destacam que a prática de resistir no âmbito da cidade se organiza em “oposição ao determinismo empregado pelas instituições; e defesa de outras lógicas, impressas por crenças e valores divergentes do que é socialmente aceito”.

Tomamos assim, a expressão dos habitantes da cidade de Belo Horizonte: o povo tomando as ruas do centro da capital mineira. Queremos então, contar parte da história de um momento crucial na vida do trabalhador, demonstrando sua indignação contra a injustiça imposta por representantes políticos que deveriam defender seus direitos e não os usurpar.

Como poderíamos então mostrar, contar essa história por meio de imagens? Pensamos que a melhor maneira era nos unir ao movimento, principalmente porque também somos parte interessada, seríamos ao mesmo tempo personagens e narradoras, cientistas sociais, imbuídas pela luta, munidas de nossas máquinas fotográficas e disposição para andar.

Já às 7 horas da manhã saímos de casa, a pé mesmo, porque achávamos que não haveriam ônibus nas ruas, o que de fato se confirmou, entretanto, o transporte público aos poucos foi se normalizando (Figura 22). Pegamos o ônibus em direção ao centro da cidade, pois o encontro estava marcado na Praça da Estação. Ao

chegar, percebemos a praça ainda vazia, poucos carros de som representando alguns sindicatos, as pessoas, ainda tímidas, iam se juntando em pequenos grupos. A chuva que apontava no horizonte deixava a dúvida se as pessoas compareceriam, será que o mau tempo seria capaz de afastar os trabalhadores ameaçados com a perda de seus direitos? Em pouco tempo o povo nas ruas mostrava que não, mostrava que estava disposto a “colocar a cara na rua”, que não tinha medo da luta, do confronto, ainda que seu grito pudesse ser abafado pelos interesses de outros grupos sociais (Figura 1).

Ali, junto aos protestantes, estávamos ao mesmo tempo entoando gritos de ordem e registrando tudo o que podíamos. Ouvimos os discursos de algumas categorias de trabalhadores presentes, vestidas em nossas capas de chuva, e seguimos com a multidão em direção à Praça Sete de Setembro, ponto de encontro de todos os carros de som. Pouco depois do meio dia, percebemos a dispersão dos grupos ali representados. Ficamos mais uma hora e fomos embora, ainda na volta para casa, percorrendo as ruas do centro da cidade, vimos lojas fechadas e outras, apesar de abertas, que só não estavam completamente vazias porque seus vendedores se colocavam em pé a espera de consumidores que neste dia, preferiram resistir a comprar (Figura 2).

Figura 1 – O mau tempo, a chuva e o povo se encaminhando para luta



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 2 – Loja fechada, hoje não é dia de consumir



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Traduzindo em números, ficamos cerca de seis horas para fazer 433 fotografias, das quais selecionamos 30 para esta pequena amostra que veremos a seguir.

O chamado na voz das ruas

Muitos cartazes chamavam a atenção pelas ruas da cidade, colados em muros, nos postes, no chão. Era o “chamado”, a “voz” da resistência em silêncio, mas ao mesmo tempo “gritando” palavras de ordem para os que ousavam escutá-las (Figuras 3, 4 e 5).

Figuras 3, 4, 5 – Cartazes pelas ruas



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

A concentração de pessoas estava marcada para as nove horas da manhã do dia 28 de abril, na Praça da Estação, no centro de Belo Horizonte. Na cidade, essa praça é o local preferido dos movimentos sociais ligados aos trabalhadores ou grupos de menor poder econômico para manifestações ou concentrações. Apesar disso, a praça em questão pode ser considerada um não-lugar, um espaço de passagem transitório e efêmero, portanto não identitário, relacional ou histórico (Augé, 2012). Entretanto, naquele dia a Praça da Estação transformou-se no lugar de luta e protesto dos trabalhadores, muitas faixas (Figuras 6, 7, 8 e 9) e cartazes davam o tom dos protestos (Figuras 10, 11 e 12).

Figura 6 e 7 – Praça da Estação coberta por de faixas pelo chão, o golpe



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 8 – Praça da Estação coberta por de faixas pelo chão, "luto"



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 9 – Praça da Estação, faixa de protesto



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 10 – O sentimento de indignação popular em palavras



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 11 – O recado e a proposta



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 12 – A lixeira se torna local para palavras de ordem



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Mesmo debaixo de muita chuva, o povo não deixou de mostrar a que veio. A mobilização, que a princípio parecia ter desistido frente à força da natureza, foi tomando corpo, fazendo barulho, ocupando a praça, adquirindo uma nova cara (Figuras 13, 14 e 15).

Se a cidade for entendida justamente como lugar de produção de desvios de direção e de novas manifestações, talvez se possa falar mais em possíveis interseções sociais. Na órbita de antigas e novas práticas e integrações tensionadas na questão urbana, eixos políticos e sociais

vivificam a cidade, provocando retornos reflexivos ao passado sem, contudo, perder de vista o futuro (Viegas & Saraiva, 2015, p. 70).

Figuras 13 e 14 - O recado do povo nas ruas





Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 15 – O barulho do povo nas ruas



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

As pessoas, que faziam barulho da forma que podiam, vestidas em capas, munidas de guarda-chuvas, ou na chuva mesmo, começaram a marchar em direção à Praça Sete de Setembro, ocupando as ruas e avenidas, que em outros dias são tomadas por automóveis e ônibus (Figuras 16, 17, 18, 19 e 20).

Simbolicamente, a Praça Sete de Setembro é o coração da cidade; materialmente, onde está localizado o marco zero do hipercentro de Belo Horizonte. Ponto onde duas das maiores avenidas do município se cruzam – a Avenida Afonso Pena e a Amazonas – pelo local passam pessoas pertencentes a diversos grupos sociais. O

local também é onde se cruzam as ruas Rio de Janeiro e Carijós e pelo qual transitam cerca de 75 mil pessoas por dia. Além disso, este é o ponto a partir do qual se medem as distancias entre a cidade e outros municípios (BHTRANS, 2015).

Figuras 16 – A chuva fica mais forte, os trabalhadores não recuam



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figuras 17 – Os “guarda-chuvas” tomam as ruas, saída da Praça da Estação



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figuras 18 – Os “guarda-chuvas” tomam as ruas, subida da Praça da Estação em direção à Praça Sete de Setembro



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figuras 19 – Os “guarda-chuvas” tomam as ruas, subida da Praça da Estação em direção à Praça Sete de Setembro



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figuras 20 – O “pirulito” da Praça da Sete de Setembro cercado pelos trabalhadores



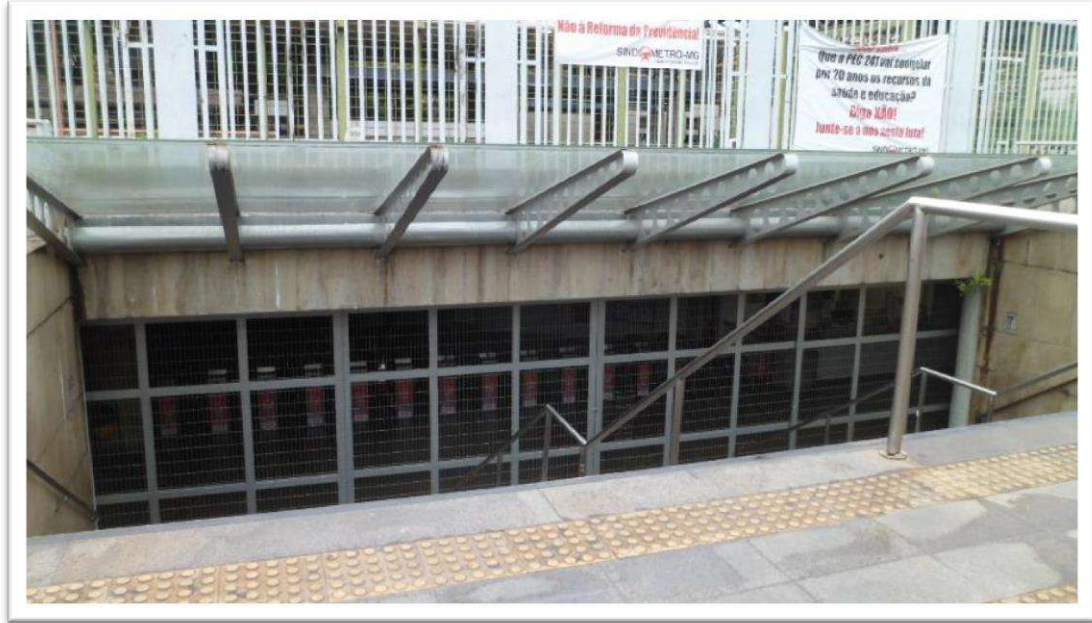
Fonte – Acervo pessoal das autoras.

As ruas ocupadas e a cidade vazia, dava a dimensão da resistência, ora explícita e barulhenta, ora velada e silenciosa. Diversos grupos sindicais e outros ligados aos trabalhadores aderiram ao movimento, seja participando da manifestação, seja cruzando os braços. O clima no restante da cidade, em oposição à agitação da Praça da Estação, era de calma. Embora opostos, os dois aspectos se referiam ao mesmo movimento de resistência: a cidade de Belo Horizonte parou!

Nesse sentido, a maneira de ocupar os espaços da Cidade é essencialmente política em dois sentidos: na acepção de que deve ser objeto primordial das políticas públicas (*policies*) e, sobretudo, de que nela se estruturam em interesses diversos e, por vezes, antagônicos que procuram mobilizar forças para levar adiante suas reivindicações (*politics*)” (Kowaric, 2007, p. 203).

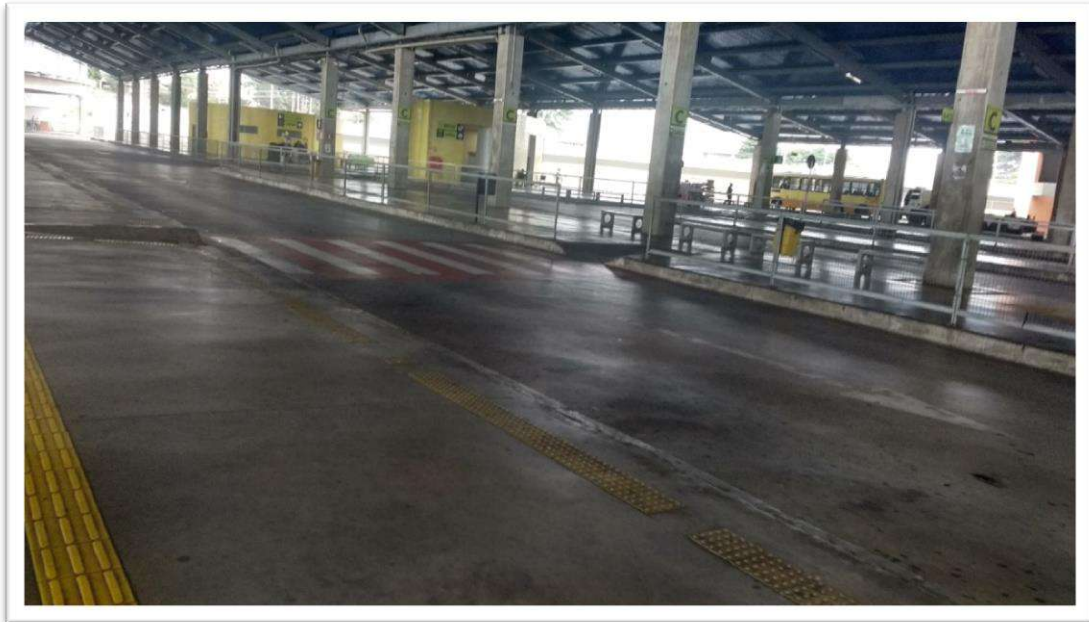
O cotidiano da cidade, geralmente agitado com grande movimento de veículos e transeuntes durante os dias úteis, se metamorfoseou em feriado, tornando aquela sexta-feira bastante atípica. Na Praça da Estação o metrô fechado, na Avenida Presidente Antônio Carlos, uma das principais vias de acesso ao centro da cidade havia pequeno fluxo de veículos. As pistas exclusivas do MOVE, o sistema de BRT da cidade e região metropolitana, estavam vazias. A Estação Pampulha, por onde circulam cerca de 100 mil pessoas diariamente (BHTRANS, 2015), parecia abandonada (Figuras 21, 22, 23 e 24).

Figuras 21 – A resistência no silêncio, metrô fechado Praça da Estação



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figuras 22 – A resistência no silêncio, terminal de ônibus



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figuras 23 – A resistência no silêncio, entrada/saída de veículos estação
Pampulha



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figuras 24 – A resistência no silêncio, estação do MOVE vazia em “horário de pico”



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

O poder público também mostrou sua força, estava nas ruas para manter a lei e a ordem, impedir os “arruaceiros” de promoverem a desordem, provocar danos ao patrimônio público ou privado, dar mais segurança aos manifestantes. Enfim, esse era o discurso dos também trabalhadores que tinham a função de observar, vigiar, ou melhor, de controlar (Figuras 25, 26, 27 e 28). A experiência urbana se dá cercada pelo espetáculo, uma contradição entre a cidade vendida pelo poder público e a cidade consumida por seus habitantes. Espaços que se transmutam em

cenários, sem vida, o corpo do cidadão nas ruas precisa de controle, de supervisão (Britto & Jacques, 2009).

Figura 25 – O controle nas ruas, a polícia militar esperando os manifestantes na Praça da Estação



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 26 – O controle nas ruas, polícia militar vigiando o deslocamento da multidão na Praça da Estação



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 27 – O controle nas ruas, polícia municipal na Praça Sete de Setembro



Fonte – Acervo pessoal das autoras.

Figura 28 – O controle nas ruas, viaturas da polícia militar



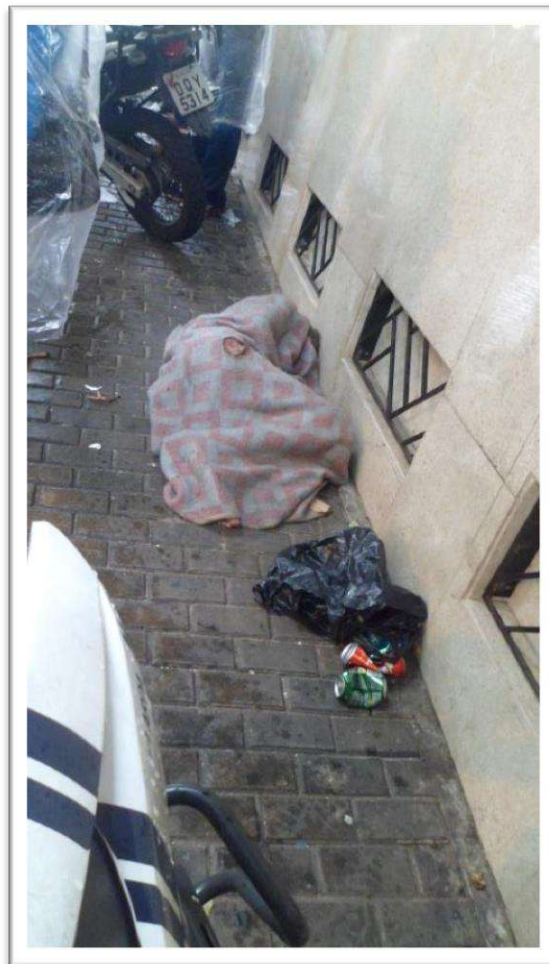
Fonte – Acervo pessoal das autoras.

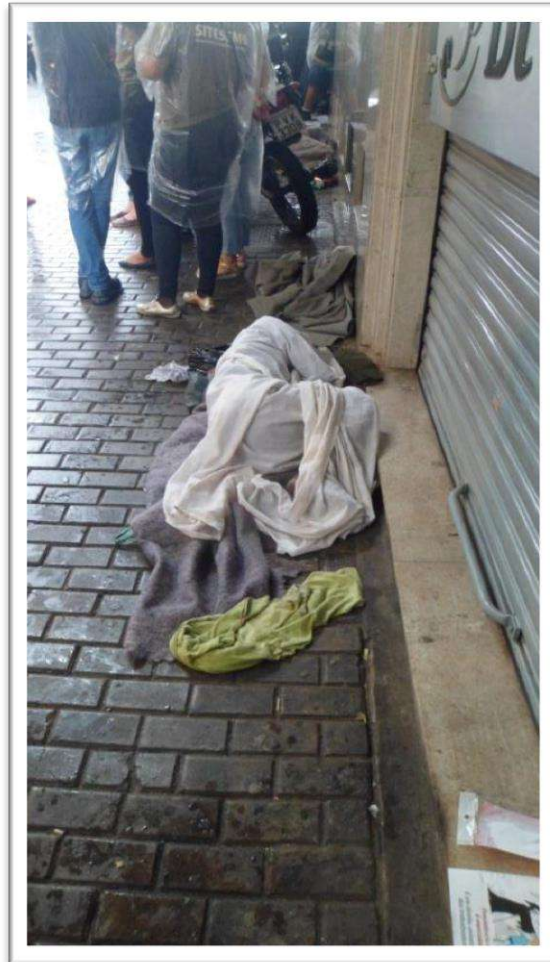
“A cidade é a possibilidade do indivíduo ser” (Britto & Jaques, 2009, p. 346), nesse sentido corpo e cidade se completam, uma dualidade que forma o sujeito que se expressa de diversas maneiras, na arte, na resistência, na ausência. Essa ausência, que o torna por vezes invisível, lhe proporciona também o “direito” de ser, fazer e parecer o que se quer, ao mesmo tempo que lhe rouba a possibilidade de ser “cidadão de direito” (Figuras 29 e 30).

No entanto, alguns sujeitos estão à margem desse movimento de resistência. Por estarem invisibilizados, nem são considerados pelo movimento, dentre outras

possibilidades, “quem se importa com eles”? Entretanto, ao se falar em práticas de resistência nas cidades, a presença desses sujeitos não pode passar despercebida. As pessoas em situação de rua, todos os dias são protagonistas de pequenos atos de resistência, vivendo a cidade para além do prescrito. (Honorato & Saraiva, 2016)

Figuras 29 e 30 – Pessoas em situação de rua





Fonte – Acervo pessoal das autoras.

A cidade, entendida enquanto espaço social, existe a partir de sua história, contada e compartilhada e que, estranhamente, manifesta “uma série de rupturas e descontinuidades no espaço é que representa a continuidade do tempo” (Augé, 2012, p. 58). Precisamos considerar que a cidade, para além de sua materialidade, é política, que espaço é política e nada que seja desprovido desse

sentido pode ser considerado como cidade (Britto & Jacques, 2009; Guedes, 2003). A cidade é também lugar de conflitos, debates, representados numa contínua dinâmica de resistência, na qual os indivíduos se expressam em aglomerações, em favelas, em enclaves. Todas essas estruturas são concebidas com objetivo único de atender às necessidades de pessoas reais (GUEDES, 2003), dotadas de corpo e alma.

As diversas apropriações feitas no âmbito das cidades revelam possibilidades, outras formas de perceber o mundo e também de criá-lo (Damasceno, 2007) e recriá-lo a todo instante em possibilidades de infinitas interpretações em constantes ressignificações. Interpretar a cidade requer pensar em seus habitantes, percebê-los em suas variadas formas de existência, respeitar os seres humanos e incluí-los nessa construção material e simbólica. Todas essas reflexões nos levam a perguntas retóricas: A cidade é de quem? Para quem?

REFERÊNCIAS

Augé, M. (2012). *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.

Banks, M. (2009). *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.



BHTRANS. (2015). Estações de integração e de transferência do MOVE vão oferecer áreas para atividades comerciais. Recuperado em 20 novembro, 2015, de: <http://www.bhtrans.pbh.gov.br/portal/page/portal/portalpublico/Temas/Onibus/MOVE/Esta%C3%A7%C3%B5es%20de%20integra%C3%A7%C3%A3o%20e%20de%20transfer%C3%Aancia%20do%20MOVE%20v%C3%A3o>. Acesso em 16 mai 2017.

Britto, F. D. & Jacques, P. B. (2009). Corpocidade: arte enquanto micro resistência urbana. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(2), 337-350.

Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer* (22a ed.). Petrópolis: Vozes.

Damasceno, F. J. G. (2007). As cidades da juventude em Fortaleza. *Revista Brasileira de História*, 27(53), 215-242.

Guedes, J. (2003). Cidade e espaço político. *Psicologia USP*, 14(3), 73-78.

Honorato, B. E. F. & Saraiva, L. A. S. (2016). Cidade, população de rua e estudos organizacionais. *Desenvolvimento em Questão*, 14(36), 158-186.

Ipiranga, A. S. R. (2010). A cultura das cidades e seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. *Revista de Administração Mackenzie*. 11(1), 65-91.



Kowaric, L. (2007). Áreas Centrais de São Paulo: dinamismo econômico, pobreza e políticas. *Lua Nova*, 70, 171-211.

Possamai, Z. R. (2007). Narrativas fotográficas sobre a cidade. *Revista Brasileira de História*, 27(53), 55-90.

Roque, T. (2003). Resistir a quê? Ou melhor, resistir o quê? *Lugar Comum*, 17, 23-32.

Saraiva, L. A. S. & Carrieri, A. P. (2012). Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. *Revista de Administração Pública*, 46(2), 547-576.

Viegas, G. C. F. S. & Saraiva, L. A. S. (2015). Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte. *Revista de Administração Mackenzie*, 16(5), 68-94.

A greve dos guarda-chuvas: Belo Horizonte, 28 de Abril de 2017

Resumo

Este registro fotográfico tem como objetivo expor práticas de resistência no âmbito da cidade, para tal foi tomada como mostra visual desta prática a greve geral realizada no dia 28 de abril de 2017 na cidade de Belo Horizonte. A resistência das pessoas pode ser vista de várias maneiras nesse dia, no barulho, nas ruas tomadas de gente, no silêncio ensurdecedor dos cartazes de protesto, nas ruas esvaziadas das pessoas que todos os dias passam por aqueles lugares, ou ainda na vigilância massiva dos policiais. A chuva também fez sua aparição nesse dia, por isso mesmo, o colorido dos guarda-chuvas tomaram as principais ruas de Belo Horizonte em sinal de protesto como poderão ser vistas nos registros fotográficos aqui apresentados.

Palavras-chave

Práticas de resistência na cidade. Registros fotográficos. Protestos.

The umbrellas' strike: Belo Horizonte, April 28, 2017

Abstract

This photographic record aims to expose resistance practices in the Belo Horizonte city. Therefore, it was taken, as a visual show of this practice, the general strike held on April 28, 2017 in that city. People's resistance can be noticed in many ways: with noises, with crowded streets, with the deafening silence of the protest signs, with the empty streets - normally crowded on working days -, and with the massive cops' presence. The rain also appeared that day, so the color of the umbrellas took the main streets of Belo Horizonte as a sign of protest as can be seen in the photos below.

Keywords

Resistance practices in the city. Photographic records. Protests.

La huelga de los paraguas: Belo Horizonte, 28 de abril de 2017

Resumen

Este registro fotográfico tiene como objetivo exponer las prácticas de resistencia en la ciudad de Belo Horizonte. Por lo tanto, se tomó, como muestra visual de esta práctica, la huelga general celebrada el 28 de abril de 2017 en esa ciudad. La resistencia de la gente se puede notar de muchas maneras: con ruidos, con calles llenas de gente, con el silencio ensordecedor de las pancartas de protesta, con las calles vacías, normalmente llenas de gente en días de trabajo, y con la presencia masiva de policías. La lluvia también apareció ese día, por lo que el color de los paraguas tomó las calles principales de Belo Horizonte como un signo de protesta, como se puede ver en las fotos a continuación.

Palabras clave

Prácticas de resistencia en la ciudad. Fotos. Protestas.

Autoria

Fabiana Florio Domingues

Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais.

<http://lattes.cnpq.br/7319313119448224>. orcid.org/0000-0003-4791-7070. E-mail:

fabianafd@gmail.com.

Alexsandra Nascimento da Silva

Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Administradora da Universidade Federal de Minas Gerais.

<http://lattes.cnpq.br/2418535260487371>. <https://orcid.org/0000-0001-7573-3055>.

Email: alexandra.nsilva@gmail.com.

Endereço para correspondência

Fabiana Florio Domingues. Rua Castelo de Lisboa, 489, ap. 204, Castelo, Belo

Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31330-452. Telefone: (31) 99722-6252.

Como citar esta contribuição

Domingues, F. F. & Silva, A. N. (2018). A greve dos guarda-chuvas: Belo Horizonte, 28 de abril de 2017. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 424-464.



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 5 | N. 12 | ABRIL | 2018 | ISSN: 2358-6311

Contribuição Submetida em 27 nov. 2017. Aprovada em 1 dez. 2017. Publicada online em 21 maio 2018. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 5 | N. 12 | ABRIL | 2018 | ISSN: 2358-6311